

Tempo de solidão e de leitura para a construção do Ser do homem na fenomenologia poética de Gaston Bachelard/ Time of Loneliness and reading for the construction of the Being of man in poetic phenomenology of Gaston Bachelard

Fernando da Silva Machado¹

RESUMO: Pretendemos com esse artigo evidenciar de que modo Bachelard se ocupa da questão que versa sobre a constituição e reconstrução do Ser do homem por meio da poesia em seu pensamento fenomenológico final. Para tanto, exporemos brevemente que tipo de fenomenologia poética é essa almejada pelo autor, em seguida, destacaremos a importância e primazia da temporalidade vertical cultivada pelos poetas e, por fim, mostrar de que maneira a partir “da solidão de um outro”, no caso, a do poeta, eu me responsabilizo pela minha própria solidão em vias de construção de minha singularidade através da leitura.

PALAVRAS-CHAVES: Bachelard; Fenomenologia; Poesia; Solidão; Tempo.

ABSTRACT: *We intend with this article demonstrate how Bachelard addresses the issue that focuses on the constitution and reconstruction of the Being of man poetically in his final phenomenological thought. Therefore, I shall set out briefly what kind of poetic phenomenology is that desired by the author, then highlight the importance to and primacy of vertical temporality cultivated by poets and, finally, show how from "loneliness of another" in case, the poet, I blame myself for my own loneliness in the construction process of my uniqueness through reading.*

KEYWORDS: Bachelard; Phenomenology; Poetry; Loneliness; Time.

INTRODUÇÃO: A NOVIDADE PSÍQUICA ESSENCIAL DO POEMA

Que fenomenologia é essa do poético desenvolvida por Bachelard em sua via noturna de pensamento? O tema é destaque e método de duas das obras finais do autor (*A poética do devaneio* (1961) e *A poética do espaço* (1957)). Essas duas obras resultaram de um “retorno crítico”, segundo Lecourt (1974, p.29), à suas produções epistemológicas anteriores do final da década de 40 e início da década de 50, depois de dez anos que separaram sua produção epistemológica inicial da década de 30 de

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (FAFIL-UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

sua imersão ao reino da poesia por meio de sua investigação das imagens psicanalisadas das cosmogonias antigas produzidas na década de 40. Para alguns, suas obras fenomenológicas esboçaram um refinamento do próprio método, para outros, do próprio espírito científico que ainda assolava as análises poéticas do autor por diretivas ainda bastante objetivas. Assim, antes de decretarmos apressadamente um abandono total do método psicanalítico das imagens poéticas, deveríamos ressaltar que o que ocorreu na verdade foi uma mudança de perspectiva. Isso procedeu a partir de uma readaptação daqueles recursos demasiados objetivos usados em sua poético-análise, pois as imagens materiais presentes nas poesias carregavam determinado peso objetivo que era necessário eliminar de sua constituição, como aquelas valorizações das imagens do fogo, por exemplo, abordadas em sua obra *A psicanálise do fogo* (1938).

Por adotarmos hábitos objetivos comumente em nossas análises, seguimos muitas vezes a linha das análises demasiadamente psicológicas e psicanalíticas dos poemas, obstruindo isso que Bachelard denominou como sendo a *transsubjetividade* essencial realizadora dos mundos criados pelos poetas e que repercutem em nós leitores. Nas mãos dos psicólogos e psicanalistas as imagens poéticas se transformam em simples acessos aos recalques dos poetas ou mesmo de nós leitores que nos contentamos em lê-las e tomá-las de empréstimo de seus poemas: “os psicanalistas veem na imagem um simples jogo de vaidade, para eles as imagens não tem significação passional” (BACHELARD, 2005, p.192). Nesse sentido, o psicanalista tenta retomar a história pessoal do homem social, de seus dramas e traumas, passando ao largo assim do reino ontológico onde imagem se constitui; como diz Bachelard (1978, p.192): “ele toma a flor pelo estrume”, ou seja, a imagem inicial desocupada que era a da flor não repercute mais a felicidade no homem, somente suas desilusões. Assim, a fenomenologia parte não das imagens *vividas* pelo homem, mas das imagens *não-vividas*, aquelas criadas pelos poetas e inacessíveis numa análise, pois nem mesmo no inconsciente elas existem *a priori*.

De uma rosa que lambe o mármore os psicanalistas fariam logo uma história. Mas atribuindo responsabilidades psicológicas demasiado remotas à página poética, eles nos privariam da alegria de falar. Retirariam as palavras de nossa boca. A análise de uma página literária pelo gênero das palavras – a genos-análise – firma-se em valores que não de parecer superficiais aos psicólogos, aos psicanalistas e aos pensadores. Mas ela nos parece uma linha de exame – existem tantas outras! – para ordenar as singelas alegrias das palavras (BACHELARD, 2009, p.39).

O que está em jogo para Bachelard, sobretudo, em *A poética do espaço* (1961), obra fundamentalmente fenomenológico do autor, é essa “essencial novidade psíquica do poema”, seu instante primitivo antecessor ao pensamento (BACHELARD, 1978, p.295). A ideia de uma *psyché* pode ainda permanecer na abordagem fenomenológica de Bachelard, mas não mais enquanto faculdade arquetípica inconsciente, ela “não é um eco do passado”, agora, se trata do inverso, a imagem lança-se do presente explosivamente em direção ao nosso passado, por ela recolhemos nossas memórias felizes, eis o sentido mesmo que examina esta obra a partir de espaços muito bem localizados e ornados de nossas lembranças, espelhos de nossos espaços concretos preferidos (BACHELARD, 1978, p.295). Uma *ontologia direta* se situa então na reflexão do pensador, e torna-se a *ocupação* da obra (no sentido mais amplo possível do termo) através de uma preocupação especial com as imagens poéticas em estado *emergencial*, em um instante solitário, revelador, criador de mundos e realidades oníricas, de modo que percebemos sua ressonância em nós e a partir de nós mesmos, senhores de nossos próprios espaços de lembranças e devaneios.

1 MEDITAR : A VASTIDÃO ÍNTIMA DO SER

Meditar para Bachelard (1986, p. 190) é antes de tudo um “ato íntimo”. Pensar filosoficamente deixa de ser um mero exercício de descrição para se tornar o que filósofo cognominou em seu belo artigo *Fragments d’un journal de l’homme*, de 1952, como a atividade humana de manter-se em “meditação primeira” (BACHELARD, 1986, p.193). Interessante notar que esse texto foi escrito por um Bachelard já experiente em meio à produção de suas últimas obras epistemológicas do final da década de 40 e que invadiu os primeiros anos do início da década de 50. Nesse artigo, Bachelard revela-se nostálgico. Os parágrafos deste texto poderiam ser tomados como fragmentos poéticos de um homem que já cumprira pragmaticamente seus desafios e afazeres sociais que lhe exigiram grande esforço e empenho desde que começara seus estudos de física e de química, passando pela época em que ocupava o posto de professor de Liceu em sua cidade natal até o ano de 1928, ano de publicação de suas primeiras obras epistemológicas seguidas pelas publicações iniciais de sua fase poética. Na época da composição desse belo artigo, momento em que o pensador iniciava a construção das obras que viriam a compor os escritos finais da vertente poética-fenomenológica, publicadas alguns anos mais tarde, em meados do começo da década de 60, Bachelard dedicara-se ao “repouso”, conceito curioso trabalhado em algumas obras

por ele. Portanto, temos a impressão de que este escrito de que falamos versa fundamentalmente sobre esse estado de serenidade no qual o pensador se encontra e valoriza acima mesmo dos méritos que uma filosofia mais pomposa poderia lhe garantir. Nesse sentido, ele nos fala que “o pensamento é hesitação contínua [...] Mesmo quando avança recua em si mesmo” (BACHELARD, 1986, p.191). A meditação ativa que ele incita é outra que não aquela usufruída pelas “metafísicas sinfônicas” de outrora, pois aquilo que escapa aos “filósofos de escola” é fruto de um devaneio cosmológico que só pode ser alcançado por uma filosofia jovem, inventada como “desenhos de criança”, assim como o esboço de uma poesia (BACHELARD, 1986, p.193). Este artigo é especial porque ele é espelho do devaneio de uma noite em que Bachelard escrevia enquanto a “cidade dormia” e enquanto o assolava a solidão da madrugada; ela parecia-lhe criar “volume” e “duração”, fazendo os seres e as coisas repousarem dentro dela. Os devaneios dessa noite vêm ao encalço do espírito filosófico de nosso pensador para fazer com que ele esqueça “a tarefa humana e as inquisições do dia” (BACHELARD, 1986, p.194). Longo dia vivido desde a década de 20 onde o pensador se dedicara tão concentradamente ao conhecimento diurno, ou seja, o conhecimento da ciência que demandou um engajamento e esforço tremendo de construção e de “visão” pelo espírito. À maneira schopenhauriana, Bachelard entregasse a uma “vontade de isolamento” que já permeava suas primeiras produções poéticas da década de 40 e suas obras sobre o tempo da década de 30 ao contemplar as imagens que brotam da noite e que invadem nosso ser que lentamente esquece os pesares antigos. Através das imagens da noite um “ser negro que em nós se anima” ganha contorno, nos diz o filósofo (BACHELARD, 1986, p.194).

Em sua penúltima obra, *A poética do espaço*, ecos desse pequeno fragmento do diário de um homem, concebido em meio à vastidão de uma noite, compõem uma sinfonia dedicada ao tema da imensidão íntima revisitada nesta obra fenomenológica. Também, é a partir das imagens da noite presente nos poemas de Milosz e Baudelaire que Bachelard acredita poder oferecer “os caminhos da profundidade íntima” (BACHELARD, 1978, p.320). É da cópula da imensidão do mundo com a profundidade do ser íntimo que a consonância entre ser e poesia promovem o desfecho para a necessidade de feições quase que socrática de se conhecer e de conhecer o mundo metafisicamente: “Que pena! Como o mundo parece terrível para aqueles que não se conhecem! Quando te sentires só e abandonado diante do mar imagina qual deveria

ser a solidão das águas, à noite, e a solidão da noite no universo sem fim” (MILOSZ² apud BACHELARD, 1978, p.320). Já a palavra *vasto*, em Baudelaire, que parece conter toda a *intensidade do ser* em sua poesia, faz da contradição entre o espaço íntimo e a grandeza do universo uma dialética revisitada, tonalizada em seus versos por meio de “um intercâmbio mais íntimo do pequeno com o grande”, um pleno convite à contemplação poética. Segundo Bachelard (1978, p.322): “A palavra *vasto* é também em Baudelaire, a palavra da síntese suprema. [...] Assim, sob o signo da palavra *vasto*, a alma encontra seu ser sintético. A palavra *vasto* reúne contrários”; ser e mundo, imensidão e intimidade, o grande e o pequeno, assim como dia e noite. Talvez seja com Baudelaire que Bachelard tenha aprendido a importância da dialeticidade do pensamento em sua imensidão, seu caráter formador; dialeticidade essa que marca a trajetória de sua reflexão sobre a ciência que se soma à sua análise do poético, forjando uma disposição filosófica fundamental, e que torna seu pensamento metafísico mais próprio: “Vasto como a noite e como a claridade” (BAUDELAIRE³ apud BACHELARD, 1978, p.322). Ao se encontrar já mais próximo das imagens íntimas de sua vida, Bachelard prepara neste artigo supracitado uma conciliação de sua solidão com sua velhice, cuja jovialidade espiritual ainda presente faz do mundo o instante dialético onde “as horas são vida e morte, juntas” (BACHELARD, 1986, p.194), porém, são horas valorizadas, conquistadas, vividas. “Falar com o silêncio” - “Ser uma noite na noite”; ações que regem o devaneio sombrio do pensador sussurrado por seu diário secreto que para nós é o que parece constituir este pequeno escrito (BACHELARD, 1986, p.196).

Portanto, é a partir dessa ambivalência espiritual e sentimental de um homem que se dedicou com o mesmo afincamento à poesia como havia se dedicado às ciências que o pensamento coloca o espírito em franca dialética. Uma estética dos “ambivalores” faz da vida o comprometimento de um ser solitário com os ritmos ricos e densos a favor de uma existência vibrada, onde “a solidão nos leva a falar conosco, a viver assim uma meditação ondulante que repercute por toda parte suas próprias contradições e que procura incessantemente uma síntese dialética íntima” (BACHELARD, 1986, p.199). Assim, a ideia de uma “vida dinâmica”, onde se “aumenta em intensidade apesar de diminuir em ser”, esteia uma metafísica que foge ao tempo comum, à duração socializada e horizontal do ser em Bachelard. Daí, em *Instante poético e instante*

² MILOSZ. *L'Amoureuse Initiation*, p.64.

³ BAUDELAIRE. *L'Art Romantique*, p.369.

metafísico (1939), o pensador proferir que a poesia pode nos oferecer esse “instante detido” que nega a duração social e a experiência “deslizante” da vida (BACHELARD, 1986, p.181). Mais especificamente em duas de suas obras da década de 40 entendemos o sentido dado por Bachelard à ideia de um *tempo vertical* que busca somente a “profundeza ou a altura”.⁴ Essa “dialética”, já podemos dizer, que é “ativa e dinâmica”, faz do tempo “esse pluralismo de eventos contraditórios encerrados em um único instante” (BACHELARD, 1986, p.183). O instante revela a dimensão dialética da vida; a isso que Bachelard (1986, p.185) denominou de “potência pessoal”. O poeta é esse avatar de espírito ilustre (guia natural do metafísico) que recusa o tempo horizontal ao descobrir que pode assumir seu próprio tempo, pois cada um tem seu tempo que não é o tempo “dos outros, da vida e do mundo” (BACHELARD, 1986, p.185). Nesse sentido, para Bachelard (1986, p.185), “o tempo não corre mais, Jorra”. De tal “maniqueísmo dos princípios” o ser busca sua “referência autosincrônica” através da experiência descontínua do tempo experienciado no instante verdadeiramente “dinâmico” da poesia.

2 A SOLIDÃO, O REPOUSO E O INSTANTE

Em *A dialética da duração* (1936) o pensador nos fala de uma *filosofia do repouso*, da ideia de uma solidão que nos leva a este estado de repouso, de serenidade. Tão logo adentramos nesse universo metafísico apresentado por Bachelard que algumas perguntas vêm à tona, por exemplo: o que se espera com o repouso? Que repouso é esse? Ele é inércia ou ele é uma coisa outra? O que se busca com ele? O que se alcança com ele? Porque se está só? O que a solidão ensina sobre a vida, e o repouso? O que a solidão ensina sobre o conhecimento ou ela já é conhecer? Conhecer é estar só? Conhecer é repousar? Fazer poesia é já estar só e repousar? Dessas perguntas compreendemos finalmente o alcance metafísico e primeiro a ser tirada de *A dialética da duração* expressa logo no início da obra que se impõe como objetivo metafísico a ser cumprido, diz-nos Bachelard (1994(a), p.6): “ele [objetivo da obra] se apresenta como uma propedêutica a uma filosofia do repouso”. O repouso é o tema que convoca uma metafísica da “alma” através de uma meditação metafísica do tempo. Para que uma filosofia do repouso se estabeleça é preciso que

⁴ São elas *O ar e os sonhos* (1943), onde vislumbramos os poemas aéreos, de elevação, que lançam vôo, que escalam picos; já em *A terra e os devaneios do repouso* (1948), é o tema da busca pela imersão, pela estabilidade e quietude do ser que compõe o escopo geral da obra. Tais abordagens, amadurecidas mais tardiamente em sua fase literária inicial já se encontravam nesse artigo de 1939.

saibamos o impacto de uma escolha arriscada em um instante puntiforme que se dá sobre o eixo espaço-tempo-consciência de que nos fala Bachelard em *A intuição do instante* (1932). O repouso é a consciência de uma vida desfixada. Não podemos confundi-lo com quietude, antes, ele constitui essa vibração dinâmica e intensa, por vezes silenciosa, e deliberativamente solitária de nosso ser no mundo. O repouso como nos fala Bachelard logo no início de *A dialética da duração* é “um direito de pensamento; necessita de experiências múltiplas [...]”. Isso quer dizer que o repouso é uma edificação de um futuro pelo conhecimento, ou seja, através das experiências intelectuais e oníricas que nos estão disponíveis. A filosofia bachelardiana, de caráter essencialmente metafísica, mais uma vez oferece a prova de sua força, pois dia e noite, duas esferas de uma vida que se entrega às experiências de “dupla-luz” nos encaminha ao “âmago de nosso ser” por um esforço de construção espiritual que estabelece ressonância com o devir, resultando daí a serenidade, a quietude. Somente no nível de uma realidade temporal que “dá fundamento e consciência a nossa pessoa” que podemos sentir esse ser só e quieto. As consequências filosóficas desse prelúdio a uma filosofia do repouso apresentada nas obras temporais de Bachelard serão conferidas em sua última obra, por exemplo. Em *A chama de uma vela* (1961) o pensador dedicará um capítulo inteiro ao estudo da solidão, nos oferecendo o que ele denominou uma “ontologia do ser solitário”. Repouso e solidão constituem isso que chamaremos de um *estudo* dedicado à *vibração feliz*. Esse estudo não é o estudo de um texto, essa vibração não é uma vibração caótica gerada pelos ruídos ensurdecedores de nossas megalópoles, antes, é o “ato filosófico” necessário para que nos tornemos mais dedicados a nosso ser frente ao devir, tanto quanto por entender que a vida pelo pensamento quer encadear-se harmonicamente, mesmo que “nenhum pensamento [possa] ser estável e seguro [...]” (BACHELARD, 1994(a), p.9).

A solidão é o estado de espírito que percorre toda a filosofia bachelardiana desde suas obras epistemológicas (mesmo que a cidade científica se faça necessária, é o estado de solidão que participa do primeiro instante de criação do cientista), passando pelas obras de imaginação material até suas obras fenomenológicas. A solidão é um estado que solicita o valor e a ascese do trabalho e “nos devolve à primitividade do mundo” (BACHELARD, 1986, p.193). Em *A Intuição do Instante* Bachelard define no último capítulo que a arte, assim como a razão, já é lugar de solidão. Uma solidão que rompe com suas amarras e que retorna mais uma vez ao seu lugar de origem: à vida e ao pensamento. Segundo Bachelard, a *poesia* cultiva verdadeiramente aquilo que no

pensamento de Rounel (destaque em sua obra *A intuição do instante*) é chamado de *melancolia profunda*. Tão-somente pelo caráter dramático desse sentimento vivenciamos em um mesmo pensamento a dialética do pesar e da esperança. Em um instante poético, tomado pelo nada absoluto que há entre as duas pontas de uma mesma fagulha temporal, a vida do ser do homem é revelada em todas as suas “contradições íntimas”. Em *A poética do devaneio* Bachelard (2009, p.179) profere: “Um devaneio falado transforma a solidão do sonhador solitário numa companhia aberta do mundo e do seu sonhador”. A vida quando aceita em suas ambivalências sentimentais é acolhida por seus “instantes vividos” (BACHELARD, 2010(b), p.91). Só o amor faz com que a duração progrida à medida que nos direcionamos à fonte única e misteriosa de sua fonte. O amor revela o instante de melancolia, de solidão, ele disponibiliza a “companhia aberta” ao mundo. O amor dos romancistas é demasiado fácil e ingênuo: são amores rápidos e eternos, amor de “amadores”. Todavia, segundo Bachelard (2010(b), p.86), só quem sofre a melancolia do instante de saudade e sofrimento de um amor perdido pode dizer que conheceu a “felicidade pura”: “é porque se ama e se sofre que o tempo prolonga em nós o eu que dura. [...] Pelo próprio fato de amarmos e de sofremos, estamos inscritos no caminho do universal e do firmamento” (BACHELARD, 2010(b), p.86-87). Por conseguinte, a poesia faz-nos fugir de um mundo onde a vida é fácil e romanesca, de uma vida onde se procura o sentido dela própria nos intermináveis preâmbulos dos livros metafísicos dos filósofos. Antes mesmo dos métodos e leis universais *a priori*, a poesia “tem necessidade de um prelúdio de silêncio” (BACHELARD, 2010(b), p.94). É por outro domínio metafísico que não aquele puramente filosófico que a poesia insinua-se como o “lugar de nossa vida dialética”. “É para construir um instante complexo, para atar, nesse átimo, simultaneidades numerosas, que o poeta destrói a continuidade simples do tempo encadeado” (BACHELARD, 2010(b), p.94). A melancolia torna-se uma necessidade metafísica, marca do devir, fiel amiga. Ela já é solidão, eis a definição precisa que buscávamos. Vida é o que queremos construir, melancolia é uma necessidade metafísica de experiência do mundo, repouso é a filosofia que nos entregará ao nosso ser e a uma quietude feliz e a poesia é o acesso.

3 INSTANTE POETICO E INSTANTE METAFISICO

A vida é dramática para Bachelard. Tragédia no tempo, pois ela não pode escapar à força temporal e na maioria das vezes não consegue penetrá-lo ou arrombá-lo.

Talvez, somente o poeta penetre no tempo emergencialmente em vias de realização artística antecipadora, do qual o leitor se apodera dos poemas-imagens para não mais permanecer só, esse é o instante metafísico vertical de que nos fala Bachelard em *Instante poético e instante metafísico*. Fugir de um tempo encadeado é abrir o espírito; para isso, temos que:

1) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo dos outros – romper com os contextos sociais da duração; 2) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo das coisas – romper com os contextos fenomênicos da duração; 3) habituar-se – duro exercício – a não referir o tempo próprio ao tempo da vida; não mais saber se o coração bate, se a alegria avança – romper os contextos vitais da duração (BACHELARD, 2010(b), p.96).

Romper com o tempo encadeado é aceitar que nossa solidão é uma melancolia purificadora. Nossa solidão é a solidão do instante de leitura, é o distanciamento dos ruídos ensurdecadores da cidade social, é romper com tempo horizontal que faz tudo fluir, sejam sentimentos, estados, decisões, etc. Nesse sentido que Lescure (1993, p.143) expressa que em Bachelard “a linguagem é um modo de existência. É por que se exercita a descoberta. Ela não reproduz o mundo, ela o produz” (LESCURE, 1993, p.143). A obra *Intuição do instante* é um produto dessa experiência de isolamento metafísico tal qual nos fala Bachelard.⁵ Antes de tudo, esse livro é “uma experiência de escrita”, é um mergulho melancólico nas águas turvas e místicas de *Siloë*. Nesse sentido que Bachelard nos fala que *Siloë* é uma lição de solidão: “O instante é já a solidão... É a solidão em seu valor metafísico mais despojado” (BACHELARD, 2010(b), p.16). O que espera Bachelard de Rounnel? Uma lição decisiva, a emersão de uma intuição original de *Siloë*, única intuição real e verdadeira. Ele a consegue: “A ideia metafísica decisiva do livro de Rounnel é esta: O tempo só tem uma realidade, a do Instante” (BACHELARD, 2010(b), p.15). Por meio dessa citação definimos que uma ontologia direta se dá nesse espaço feliz do poema onde o ser interior se encontra a si mesmo. Essa *inversão de perspectiva* altera a percepção dos espaços de lembrança que projetam o próprio ser no mundo. O ser é imaterial, pela imaginação fenomenológica ele observa o interior de seus “vários apartamentos” no instante nascente de sua lembrança. O ser dos objetos é ôntico por demais, despertam os

⁵ A esse respeito nos diz Pollizi (2008, p.60): “A dimensão solitária do instante, do isolamento e do esquecimento que localiza esse registro do pensamento de Bachelard se revela uma condição existencial, conhecidamente aparente na figura do pensador de Bar-sur-Aube, um quase-emblema (quase-emblème) de sua personalidade intelectual que se opõe à experiência socializada do fluxo da duração em relação ao sujeito do mundo”.

devaneios do amassador, ou seja, daquele que toca, move, trabalha a matéria. Diferentemente do ser que poderia se encontrar nos devaneios da matéria, para Bachelard, em sua fase noturna final, o ser se encontra na linguagem, entre o “talento do contista e o poder de sonhar do leitor”; essa é a novidade fundamental que aponta de fato a mudança de perspectiva sobre a literatura do filósofo.

Bachelard nos fala em *A poética do espaço* de uma fenomenologia poética que anima a *alma* e não o *espírito*. Eis a separação conceitual que expressa as duas abordagens distintas de pensamento do autor. Uma dialética da intimidade consolida a separação de nossa atitude diante do conhecimento, ou seja, fazer ciência não é o mesmo que fazer poesia, e vice-versa: “A imagem em sua simplicidade não precisa de um saber” (BACHELARD, 1978, p.185). A fenomenologia que guia o espírito científico não é a mesma fenomenologia que guia a alma poética; “Propomos, ao contrário, que se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana” (BACHELARD, 1978, p.195). A imaginação poética não carrega as nuances objetivas do espírito científico ávido pelo conhecimento, diz-nos Bachelard a esse respeito: “Na poesia, o não-saber é uma condição”. Nesse caso, o não-saber não constitui nenhum tipo de abandono do conhecimento já refletido e nem muito é um esquecimento aleatório daqueles que nos é útil, das ferramentas intelectuais que possibilitam um projeto, seja ele científico ou artístico, logo, o não-saber é a transmutação do nosso *espírito* em *alma*, na qual a imagem do mundo ressoa em nós como o mar em uma concha. A imagem poética é mais simples, primeira: “A alma inaugura. Ela é potência de primeira linha. É dignidade humana” (BACHELARD, 1978, p.187). Diríamos que a realidade científica é vista pelo espírito, a realidade da poesia é repercutida na alma, todavia, expressa Bachelard (1978, p.193): “Não há poesia sem uma absoluta criação”, assim como, poderíamos concluir também: não se faz ciência sem as duas. Deste modo, é em sua fase literária final que o instante se torna o agente da criação do poeta, pois é neste instante solitário que as imagens proliferam em sua consciência, edificando um mundo à parte que passa a ser inundado por imagens sempre nascentes. Mundo esse, que será destruído e destituído de temporalidade na ocasião em que o fluxo da duração comportar a inserção de um novo instante poético fecundo. A metafísica temporal descontínuista bachelardiana se torna inusitada porque promove o conceito de instante como pilar de sua perspectiva temporal que age como elemento constitutivo de seu pensamento presente em ambas as vertentes de sua filosofia. Nas palavras de Japiassú (1975, p.68): “Embora não devam ser confundidas, podemos encontrar nelas

[dupla vertente] uma unidade de inspiração, a partir da ideia de que o tempo só tem uma realidade: a do instante. O conhecimento é, por essência, uma obra temporal”.

4 A SOLIDÃO DA LEITURA SOB A “DUPLA LUZ” DA CHAMA DE UMA VELA

De certa maneira abordar o tema da solidão no pensamento bachelardiano já é evocar a reflexão daquele que é e se encontra só. O leitor frente às páginas de um livro, embaixo da luz de uma vela, sob essa “dupla ilha de luz”, se responsabiliza pelas fantasias e devaneios oferecidos pelos poetas: “faço-me só, profundamente só, com a solidão de um outro” (BACHELARD, 1989, p.57). A função da poesia não é nos transformar (a transformação está reservada a apenas alguns poetas solitários que estão permanentemente mudando), antes, a beleza não pode reproduzir-se, precisa ser produzida, comentava Lescure (2015, p.153), ao lembrar alguns trechos das obras de Bachelard. Para nós, a solidão é o estado de espírito que percorre toda a filosofia bachelardiana desde suas obras epistemológicas (mesmo que a constituição de uma cidade científica seja necessária é o estado de solidão que participa do primeiro instante de criação teórica do cientista), passando pelas obras de imaginação material até suas obras fenomenológicas. A solidão é um estado que solicita o valor e a ascese do trabalho e “nos devolve à primitividade do mundo” (BACHELARD, 1986, p.193).

O ser sonhado concentra-se aí para o ser que trabalha. Que reconforto, que nostalgia lembrar-se dos quartos pequenos onde se trabalhava, onde se tinha energia para trabalhar bem. O verdadeiro espaço do trabalho solitário é dentro de um quarto pequeno, no círculo iluminado pela lâmpada (BACHELARD, 1989, p.108).

O trabalho, o estudo, a solidão, projetam a imagem poética que se faz escrita e que ultrapassa o pensamento puro. Pela solidão da leitura Bachelard confere toda a positividade de um universo já existente, mas que para nós parece muito pouco consciente, apesar de importante; ele é o universo “bibliomenal”, se nos é permitido adotar o termo cunhado por Quillet, comentador da obra bachelardiana. “O mundo está intencionalmente circunscrito a uma mesa e a seus arredores: minha lâmpada e meu papel branco” (QUILLET, 1977, p.122). Só pelo estudo eliminamos as duplas trevas do espírito e da noite: “antes de pensar é preciso estudar. Só os filósofos pensam antes de estudar” (BACHELARD, 1989, p.58). Pela solidão, em um registro de pensamento poético, o ato de filosofar deixa de ser a atividade dos “filósofos de escolas” para ser o projeto de construção de si através das imagens libertadoras de mundo pela poesia.

CONCLUSÃO

O tempo é hesitação, “juventude e morte, fermata. Ele poderia se suspender” (BACHELARD, p.191). O tempo hesita porque retorna, suspende e morre (ideia que facilmente acusaria as leituras nietzschianas por parte de Bachelard). Pensar em um tempo que hesita é se desvincular dos ritmos ocasionais, é recolocar a vida, por intermédio de uma suspensão temporal (fermata), em expectativa da criação de um novo pensamento que um dia oscilará, mas que não mais pode recuar diante do tempo, a não ser que um novo instante o “ensurdeça”, reinserindo em seu lugar outra *vox principalis*, ou será um outro *cantus firmus*? Meditar é insurgir em um tempo de partida e de hesitação que nos permite a heresia racionalista de “não mais pensar, diante de um mundo que não pensa” (BACHELARD, p.196). “A solidão é tua duração. Tua solidão é tua própria morte que dura em tua vida, sob tua vida” (BACHELARD, p.196). Este estado de solipsismo cálido desperto na poética bachelardiana (circunscrito pelas imagens evocadas do canto de um quarto qualquer, por um leitor qualquer, que pelas folhas de um livro se instrui) é oposto ao estado de espírito dos homens da ciência que se instruem pelo pensamento, mas que, no entanto, raramente meditam (vejam que ao falarmos de meditação não nos referimos ao pensamento do *homo mathematicus*, antes, falamos do pensamento que hesita e ressurgir assim como o tempo que nasce e que morre, portanto, meditar e pensar são acepções contrárias em certa medida para Bachelard). Tal estado, que nos entrega à solidão pela e na poesia, poderia facilmente ser definido como avesso àquela máxima de “socialização” dos membros da cidade científica proferida por Bachelard em seus estudos epistemológicos. Lá, a comunhão entre os homens instruídos requer a socialização de sua prática, sem ela não haveria ciência alguma. Mas este aspecto de distanciamento do mundo pela poesia, a favor de uma “defesa da vida retirada e do fortalecimento da vida moral”, indicada logo no início de sua obra *A dialética da duração*, onde o núcleo do problema do “ser e da duração” é apresentado por meio do regresso à ideia de uma sensação íntima da realidade temporal, acaba por propiciar o “fundamento a nossa consciência e à nossa pessoa” (BACHELARD, p.1994, p.1).

Metafísica exótica essa desenvolvida por Bachelard, amalgamada à essência daquela verdade que constitui a realidade do tempo como instante, de um ser que se dialetiza em uma duração por meio das diversidades temporais dos fenômenos vitais, complexa em sua nuance, mas que nos convida, pelas mãos do filósofo, a rastrear o

conceito de tempo nos vértices e arestas mais recônditas de seu pensamento epistemológico e poético, mas que ao mesmo tempo propõe nos libertar “das excitações contingentes que nos atraem para fora de nós mesmos” (BACHELARD, p.1994, p.6). Para cumprir tal itinerário, nos é exigido um esforço quase que hercúleo, porém, mais despreocupado, pois adentramo-nos no campo de uma metafísica temporal que causa ressonância, que morre e reinicia em uma poética do instante a partir das imagens dos poemas para quem sabe um dia renascer sabe-se lá onde, essa é a dádiva de sermos apenas “leitores”. Nesta condição, “vibramos” em uma duração que nos induz à prática de uma “meditação repousante que esvazia o tempo vivido daquilo que ele tem de excessivo” (BACHELARD, 1994 p.6). Privilégio alcançado pelos poetas, imaginamos nós, mais que pelos cientistas, é claro. Nas palavras do próprio Bachelard⁶ (1972 apud Canguilhem, 2013, p.194): “A arte, a literatura realizam sonhos, a ciência, não”. Portanto, “o ser não é aquilo que se repete semelhante a si mesmo. Ele é aquilo que surge, aquilo que jorra, aquilo que emerge de sua própria ausência” (POULET, 1965, p.22). E onde mais surgiriam os traços íntimos do ser do homem senão a partir das imagens nascentes dos poetas, oferecidas instantaneamente, contempladas fenomenologicamente, ou seja, em estado nascente-emergencial, “por nós”, leitores? “Por nós”, entendemos aqui, o eu solitário, naturalmente. Enquanto leitor, eu enfrento o “nada” esmagador que causa de “mal-estar” e “tédio”, me distancio do “enquadramento” social, me faço dialético em minha hiância e abismo. E não é o texto em si e nem muito menos o poeta que desperta em nós a velha resposta ontológica procurada “o que é o ser?”; É a circularidade fundamental entre a imagem-poema-mundo a partir de nossos devaneios literários mais profundos que nos erigem *hic e nunc*.

REFERENCIAS

BACHELARD, G. *A chama de uma vela*. Tradução Glória C. Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A formação do espírito científico*. Tradução Estela dos Santos Abreu. 5.ed. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005.

⁶ BACHELARD, G. *Le matérialisme rationnel*. Paris: P.U.F, 1972, p.103.

_____. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução Antônio de P. Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *A poética do espaço – col. Os Pensadores*. Tradução Joaquim José Moura Ramos. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.181-354.

_____. *O direito de sonhar*. Tradução J. A. M. Pessanha, J. Raas, M. I. Raposo, M. L. C. Monteiro. 2.ed. São Paulo: Difel, 1986.

JAPIASSÚ, H. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LECOURT, D. *Bachelard ou le jour et la nuit*. Paris: Grasset, 1974.

LESCURE, J. *Introduction à la poétique de Bachelard*. Paris: Stock, 2015.

POLLIZI, G. Rythme et durée: la philosophie du temps chez Bergson et Bachelard. In: Frédéric Worms e J-J Wunenburger (Org). *Bachelard e Bergson: continuité et discontinuité?*. Paris: PUF, 2008. p.53-72.

POULET, G. Bachelard et la conscience de soi. *Revue de métaphysique et de morale*, n.1, janvier./mars. 1965.

QUILET, P. *Introdução ao pensamento de Bachelard*. Tradução César A. Fernandes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.